

UM SONETO ITALIANO DE JOSÉ BASÍLIO DA GAMA

Enio Aloisio Fonda

*"Habent sua fata libelli."
Terentianus Maurus — De litteris (v. 1286)*

Em setembro de 1976 encetei minhas pesquisas na "Biblioteca Angelica", em Roma, que abriga o acervo dos manuscritos pertencentes à "Arcadia Romana". Tinha eu então em mira descobrir um discutido poema latino, que teria propiciado a acolhida, em 1763, do brasileiro José Basílio da Gama entre os membros daquela agremiação literária, com o nome pastoral de Termino Sipiio. Contudo, o mês de seguidas buscas nas 39 volumosas pastas de manuscritos não resultou no êxito desejado.

No simplicíssimo e austero recinto reservado à Conservadoria da Arcádia Romana, o que mais interesse me despertou foi uma modesta estante da época, na qual se alinhavam, sem ordem aparente, uns opúsculos literários, todos eles do séc. XVIII, e em lastimável estado de conservação. Ao acaso, e instintivamente, como sói acontecer com todo bibliófilo, escolhi, para rápida vista, precisamente o menor e o mais deteriorado, mais pelo tempo do que pelo uso.

Ao abri-lo, meus olhos divisaram, para imensa surpresa minha, um soneto italiano de José Basílio da Gama. Tratava-se do opúsculo cuja indicação bibliográfica é: *Sonetti / Ed / Orazione / In Lode / Delle Nobili Arti / Del Disegno / Pittura / Scoltura, / Ed Architettura* (Vinheta) In Roma MDCCLXIV. / Appresso Francesco Bizzarini Komarek. / Con Licenza de Superiori.

Dedicado: "Al Chiarissimo Signore / Luigi Vanvitelli / Primo Architetto della Rev. Fabrica del / Gran Tempio Vaticano, e della Maestá del Re delle Due Sicilie Fra gli Arcadi / Archimede Fidiaco."

Pág. I — IV: palavras introdutórias de Michel Giuseppe Morei, Custódio Geral da Arcádia; p. 1-100: várias poesias; p. 101-136: discurso do advogado Giovanni Battista Zappi, proferido no ano de 1702.

À pág. 65 encontra-se, sem título, o soneto em língua italiana, de José Basílio da Gama, constante de duas quadras e dois tercetos, entre os quais se interpõe um corte nítido; tudo de acordo com a forma mais rígida de poesia que chegou a ser a mais importante entre todas.

O soneto, na rígida forma que se lhe prescreve, isso é, duas quadras e dois tercetos, ou seja, catorze versos decassílabos, apresenta a seguinte disposição de rimas:

1.^a estr. / 2.^a estr. / 3.^a estr. / 4.^a estr.
A B B A A B B A C D C D C D

Questa è de' Fiumi la superba imago,
Ch'umili s'inchinar di Piero al Soglio,
Non già qual vide un tempo il Campidoglio
Pianger fra Ceppi suoi Dacia, e Cartago.

Là Signoreggia il Foro; e 'l fà più vago
Un sasso avanzo dell'Egizio orgoglio:
Quí grande l'acqua da forato scoglio,
Che poscia accolta insieme ondeggia in lago.

Cadranno i Simulacri, e il tempo ingiusto,
Perchè contro di lui non v'è riparo,
Spargerà le lor membra, 'l capo, e 'l busto,

Ma vivrà del Bernino 'l nome chiaro,
Sichè baceran l'onde al Tebro augusto
Gange, Nilo, Danubio, e il mio Argentaro.

A fim de inteirar o interessado leitor, porventura pouco familiarizado com a língua italiana, sobre o conteúdo do soneto, procurou-se dar, em prosa vernácula, a tradução mais fiel possível do original.

1. Esta é a sublime representação dos Rios, prestando, humildes, reverência ao Sólido de Pedro, não qual já viu, um tempo, o Capitólio ser prestada por parte da Dácia e Cartago a gemer em seus grilhões.

2. Aí, senhorea a praça que torna mais graciosa uma pedra, resquício do egípcio orgulho; aqui, a água que escorre de oca pedra e que, depois de recolhida, serpeia para um lago.

3. Cairão os Simulacros; e o tempo injusto, pois contra ele não há reparo, espalhará seus membros, suas cabeças e seus torsos.

4. De Bernini, porém, o nome brilhante sobreviverá, enquanto o Ganges, o Nilo, o Danúbio e o meu Rio da Prata beijarem, ao agosto Tibre, as ondas.

O soneto exalta o gênio artístico de Giovanni Lorenzo Bernini⁽¹⁾, idealizador, entre outras inúmeras obras artísticas de arquitetura e escultura, da "Fontes dos Rios" (Fontana dei Fiumi). A fonte, encomendada por Inocêncio X (pontífice de 1644 a 1655), e inaugurada em 1652, enfeitada a Praça Navona, em Roma⁽²⁾. Em seu centro ergue-se um obelisco provindo talvez do Circo de Maxêncio⁽³⁾, imitação apenas da arte congênere egípcia. Nele estão esculpido, em hieróglifos, os nomes dos imperadores Vespasiano, Tito e Domiciano, e, no ápice, o brasão do referido pontífice, que ordenou a execução daquela obra urbanística.

Cumpra aqui desacreditar a opinião errônea que corria, ainda nos tempos da estada de José Basílio da Gama em Roma, acerca da origem do mencionado obelisco, que perfaz o motivo central da fonte do meio e que é ladeado por quatro figuras alegóricas, representando, pela personificação dos quatro rios mais caudalosos da terra, os quatro principais continentes: 1. O *Ganges*, a Ásia; 2. o *Nilo*, a África; 3. o *Danúbio*, a Europa; o *Rio da Prata*, a América. O nome do quinto continente (Austrália) ainda não estava consagrado⁽⁴⁾.

As três fontes são abastecidas pelas águas que lhes chegam do manancial conhecido pelo nome de "Acqua Vergine", as mesmas que abastecem, pouco antes, outra fonte célebre de Roma, a "Fontana di Trevi"⁽⁵⁾

1. Arquiteto, escultor e pintor italiano (Nápoles 1598 — Roma 1680). Foi, ainda, comediógrafo, libretista, cenógrafo e figurinista de valor. Estudou com o pai, Pietro Bernini (1562-1629). De 1615 a 1624 trabalhou para o Cardeal S. Borghese, para quem executou uma série de estátuas ainda hoje conservadas na Galeria Borghese, em Roma. A partir de 1624 esteve a serviço de sete Papas. Em 1665 passou alguns meses em Paris, a convite de Luís XIV, mas seus projetos para a fachada do Louvre não foram executados. Protegido pelos Papas, foi encarregado de todas as obras de envergadura, e dotou Roma de sua fisionomia barroca. Uma de suas primeiras obras, o baldaquino de São Pedro (1624), é considerado o manifesto da arte barroca. Construiu o Palazzo Odescalchi; a capela elíptica do palácio *De Propaganda Fide*; as fontes do Tritão e dos Rios. Como escultor, suas obras mais importantes são, além das já elencadas: Êxtase de Santa Teresa (igreja de Santa Maria della Vittoria); Apolo e Dafne (Villa Borghese); Alma Abençoada e Alma Condenada (Palácio de Espanha).

2. A Praça Navona, em pleno coração da urbe romana, é um dos conjuntos urbanísticos mais notáveis e típicos da Roma papal. Ela ocupa o lugar do antigo Circo de Domiciano, erguido no fim do primeiro século depois de Cristo. A "piazza" conserva ainda hoje o traçado original do circo onde se praticavam os jogos helênicos, e foi durante muito tempo o lugar favorito para os passeios elegantes.

3. Edificado em 309 d.C. e dedicado a Rômulo, filho do imperador, falecido ainda criança, em 307, e sepultado no próprio circo, depois de divinizado. Daí chamarem-no também "Circo de Rômulo".

4. Conservam-se ainda os projetos e as formas, de barro cozido, da maquete original que serviam de modelo-forma aos executores do plano, todos discípulos do próprio Bernini: Giacomo Antonio Fancelli (Nilo); Antonio Raggi (Danúbio); Francesco Baratta (Rio da Prata); Claudio Adam (Ganges).

5. Trata-se de uma antiga adutora, que o arquiteto Leone Battista Alberti (1404-1472) reaproveitou, em 1453, a mando do Papa Nicolau V.

O nosso Poeta, fundamentado, sem dúvida, na obra do Pe. Kircher⁶, via, no obelisco, o "resquício do egípcio orgulho" (avanzo dell'egizio orgoglio), trazido do Egito, tal como sucedera com o obelisco que se encontra na Praça de São Pedro.

À fonte central fazem parilha duas outras fontes laterais, menores, que se erguem às duas extremidades da referida praça, cuja área central, toda ela revestida de chapas graníticas, está um tanto abaixo do nível do solo que ocupa, e que, outrora, podia transformar-se, ocasionalmente, num pequeno lago, pelas águas que escorriam da fonte central. Daí a alusão do Poeta, na terceira estrofe, ao lago para o qual corre a abundante água daquela fonte.

O soneto, que obedece ao tema/assunto proposto nos moldes das academias literárias da época, começa por aludir a rios (que se nomeiam só na última estrofe) prestes a reverenciarem, humildemente, a Sé Apostólica, contrapondo-se, assim, à altivez de Roma antiga, escravizadora dos povos que subjugará.

Essa humilde reverência consistiria no fato de as quatro gigantescas estátuas alegóricas, personificando os quatro rios mais significativos da terra, e estes, por sua vez, os quatro continentes, ornarem o obelisco que lhes faz centro e em cuja extremidade sobressaem-se, esculpidas, as insígnias de brasão do pontífice então reinante.

Ressalta-se, a seguir, o fato de, em Roma, outra obra artística e urbanística se destacar de modo todo particular: uma praça que abriga uma obra de pedra, vestígio do orgulho egípcio, e uma fonte da qual jorra a água que, depois de represada de novo, escorre para um lago.

A terceira estrofe diz do tempo inexorável e injusto para com as obras esculpidas que, já pela própria vetustade, se consomem e arruinam.

Finalmente, na última estrofe, o Poeta, mesmo admitindo a ação demolidora do tempo sobre a criação artística esculpida de Bernini, prediz a perdurabilidade do seu renome enquanto as quatro figuras que enfeitam a fonte, i. é, o Ganges, o Nilo, o Danúbio e o Rio da Prata continuarem a beijar, com as águas que despejam, o augusto rio Tibre, para o qual se escoam.

É, pois, o presente soneto, um reconhecimento, por parte do Poeta, do gênio artístico de Bernini, revelado, sem levar em conta as demais realizações artísticas do grande arquiteto, escultor e esteta italiano. ma única obra apenas.

O presente soneto é tudo o que resta da obra poética escrita em italiano por José Basílio da Gama, salvo se descobertas mais recentes venham trazer à luz novas surpresas.

6. O Jesuíta Athanasius Kircher publicou em Roma, em 1650, *Obeliscus Pamphilius*, em que se descrevem os hieróglifos do dito obelisco da Praça Navona, restaurado por Bernini sob a orientação do próprio Kircher.